

AVALIAÇÃO DO PERFIL DE TRABALHADORES E DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PESCA DA BAÍA DO SOL, BELÉM, PA, BRASIL

Carlos Alberto Machado da Rocha¹
Osvaldo Teixeira Lopes Campos²
Adrielle Tainá Ferreira da Silva³
Erisson Pinheiro Nascimento³
Maria do Rosário de Souza Costa³
Walkyria Santos Cardoso³
João Daniel Ferraz Santos²

RESUMO

Considerada uma atividade de risco, a pesca registra um elevado índice de sinistralidades, sendo a maioria não notificada, e pouco treinamento na prevenção de acidentes. Neste sentido, com o objetivo de avaliar o perfil e as condições de trabalho de pescadores da Baía do Sol, Ilha de Mosqueiro, em Belém do Pará, foi efetivado um levantamento por meio de um questionário aplicado em forma de entrevista entre os meses de setembro e novembro de 2017. Com base nos questionários aplicados (n=74), observa-se que a comunidade de pescadores da Baía do Sol não difere de maneira significativa de outras comunidades pesqueiras já estudadas. No entanto, duas características ganharam destaque no perfil dos entrevistados: o nível de escolaridade, bem acima da média para o estado do Pará; e a faixa etária, onde grande parte dos pescadores encontra-se na faixa de idade abaixo dos 40 anos. Por outro lado, devido a condições socioeconômicas, essa comunidade pesqueira e talvez toda a categoria de pescadores artesanais precisa de atenção por parte dos órgãos governamentais, no sentido do desenvolvimento de tecnologias adequadas para EPI's, com distribuição gratuita.

Palavras-Chave: pesca na Baía do Sol, perfil socioeconômico, equipamentos de proteção individual (EPI's).

EVALUATION OF WORKERS' PROFILE AND WORK CONDITIONS IN FISHING IN BAÍA DO SOL, BELÉM, PA, BRAZIL

ABSTRACT

Fishing is considered one risky activity, with a high accident rate, most of which are not notified, and little training in accident prevention. In order to assess the profile and working conditions of fishermen from Baía do Sol, Mosqueiro Island, in Belém do Pará, a survey was carried out through a questionnaire applied in the form of an interview from September to November 2017. Based on the questionnaires applied (n=74), it is observed that the fishing community of Baía do Sol does not differ significantly from other fishing communities already studied. However, two characteristics gained prominence in the profile of the interviewees: the level of education, well above the average for the state of Pará; and the age group, since most of the fishermen are in the age group below 40 years. On the other hand, due to socioeconomic conditions, this fishing community and perhaps the entire category of

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). *Correspondência: carlos.rocha@ifpa.edu.br

² Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) osvaldo.lopes@ifpa.edu.br

³ Técnica em Pesca formada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) adrielles947@gmail.com

artisanal fishermen needs attention from government agencies, in the sense of developing appropriate technologies for PPE's, with free distribution.

Keywords: fishing in Baía do Sol, socioeconomic profile, personal protective equipment (PPE's).

EVALUACIÓN DEL PERFIL DE LOS TRABAJADORES Y CONDICIONES DE TRABAJO EN LA PESCA EN BAÍA DO SOL, BELÉM, PA, BRASIL

RESUMEN

Considerada una actividad de riesgo, la pesca tiene una alta tasa de accidentes, la mayoría de los cuales no se denuncian, y poca formación en prevención de accidentes. En este sentido, con el fin de evaluar el perfil y las condiciones laborales de los pescadores de Baía do Sol, Ilha de Mosqueiro, en Belém do Pará, se realizó una encuesta a través de un cuestionario aplicado en forma de entrevista entre los meses de septiembre y noviembre de 2017. Con base en los cuestionarios aplicados ($n = 74$), se observa que la comunidad pesquera de Baía do Sol no difiere significativamente de otras comunidades pesqueras ya estudiadas. Sin embargo, dos características destacaron en el perfil de los entrevistados: el nivel de educación, muy por encima del promedio del estado de Pará; y el grupo de edad, donde la mayoría de los pescadores tienen menos de 40 años. Por otro lado, debido a las condiciones socioeconómicas, esta comunidad pesquera y quizás toda la categoría de pescadores artesanales necesitan la atención de las agencias gubernamentales, en el sentido de desarrollar tecnologías apropiadas para PPE, con distribución gratuita.

Palabras-clave: pesca en Baía do Sol, perfil socioeconómico, equipos de protección personal (PPE's)

INTRODUÇÃO

A inspeção do trabalho como instrumento fundamental para a garantia de direitos no trabalho tem sido preocupação constante da Organização Internacional do Trabalho (OIT), desde a sua criação, em 1919. Em 2008, com a Declaração sobre Justiça Social para uma Globalização Equitativa, convenções anteriores (Convenção No. 81, sobre Inspeção do Trabalho, de 1947; Convenção No. 129, sobre Inspeção do Trabalho na Agricultura, de 1969) passaram a ser consideradas prioritárias e reconhecidas entre as Normas Internacionais do Trabalho mais significativas do ponto de vista da governabilidade. Este processo resultou no lançamento do Programa de Administração e Inspeção do Trabalho, em 2009 (LAB/ADMIN) (1).

No setor da pesca, o trabalho é um dos que apresenta maiores índices de sinistralidade, devido às características inerentes à atividade de trabalho, uma vez que se realiza longe de terra firme, no frágil equilíbrio de uma embarcação, com espaços de trabalho acanhados, processos de trabalho física e psicologicamente exigentes e à mercê de difíceis condições naturais (2).

A pesca pode ser caracterizada como uma atividade de risco, com índice elevado de acidentes não notificados, pouca mão-de-obra com conhecimentos e treinamento na prevenção de acidentes. Trata-se ainda de um setor com muitas disparidades entre a pesca oceânica / industrial e a pesca costeira / comercial. A primeira utiliza embarcações maiores, melhor tecnologia e mão de obra especializada; a segunda, de menor escala, caracteriza-se por

maior informalidade, práticas tradicionais de organização da relação de trabalho e maior precariedade, pois poucos armadores têm todos os pescadores registrados (1).

No estado do Pará, a pesca assumiu importante dimensão econômica ao longo do tempo, mas ainda é, majoritariamente, de caráter artesanal. Essa pesca é praticada para subsistência e também para fins comerciais, utilizando tecnologias simples, como embarcações de pequeno e médio porte. Geralmente, são usados barcos de madeira motorizados ou não, construídos pelos próprios pescadores ou adquiridos de pequenos estaleiros. Os petrechos de pesca também podem ser confeccionados pelos próprios pescadores ou adquiridos no comércio local (3).

A pesca artesanal da frota da Ilha de Mosqueiro foi abordada em estudos como o de Oliveira (4), em que foram observadas diferenças tecnológicas significativas entre as categorias de embarcações, exceto quanto ao comprimento do barco, produção média mensal e a capacidade de urna. As principais espécies capturadas na área durante o período estudado foram *Plagioscion squamosissimus* (pescada branca), *Plagioscion surinamensis* (pescada curuca), *Brachyplatystoma rousseauxii* (dourada) e *Pellona* spp. (sardas), tendo as redes de emalhar como as artes de pesca mais utilizadas.

Os pescadores artesanais compõem aproximadamente um milhão de pessoas no país, exercem atividades expostos a graves riscos ocupacionais e convivem sem proteção à saúde (5). Esses trabalhadores são acometidos de riscos provenientes de variados contextos, incluindo trabalho excessivo. Destacam-se os riscos naturais (exposição prolongada ao sol e à hipotermia), químicos (contato com combustíveis e venenos), ergonômicos e físicos (lesões), além de estarem sujeitos às condições do mar, da embarcação, e meteorológicas adversas (6).

O presente estudo teve como objetivo avaliar o perfil e as condições de trabalho de pescadores da Baía do Sol, Ilha de Mosqueiro, em Belém do Pará, além de verificar o nível de conhecimento e uso de equipamentos de segurança pelos pescadores naquela comunidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

A ilha de Mosqueiro, com área de aproximadamente 220 km², é a maior das 39 ilhas que, juntamente com a área continental compõem o município de Belém. Faz parte da região nordeste do Estado do Pará (Figura 1). Dista 77km do centro de Belém (via terrestre), tendo como acesso a saída da capital pela Rodovia BR-316 até o trevo que dá acesso a PA-391 no município de Benevides (7). Entre as ilhas que compõem o município de Belém, Mosqueiro se destaca por seu valor turístico, sendo referência tanto para a população da capital como para os visitantes da região das ilhas de Belém (8). Apesar de sua área física, apresenta baixa densidade populacional, em especial no seu ambiente rural. A população residente no ambiente urbano é de 26.139 habitantes, em contraste com os 1.757 habitantes rurais. A ilha possui ainda praias em suas faces oeste e norte (9). As praias de Mosqueiro sofrem a influência das marés, por isso possuem ondas, tornando-as semelhantes às praias de oceano, embora sejam praias de rio, o que se constitui em atrativo para banhistas. Algumas praias são urbanizadas e mais movimentadas como: Areão, Ariramba, Chapéu Virado, do Farol, Grande, Murubira, Porto Artur e São Francisco. As praias mais afastadas e com pouca urbanização como Baía do Sol, Carananduba, Marau e Paraíso, são menos procuradas em relação às outras, porém suas características mais tranquilas em se tratando de poluição sonora, por exemplo, fazem com que esteja aumentando sua procura (10).

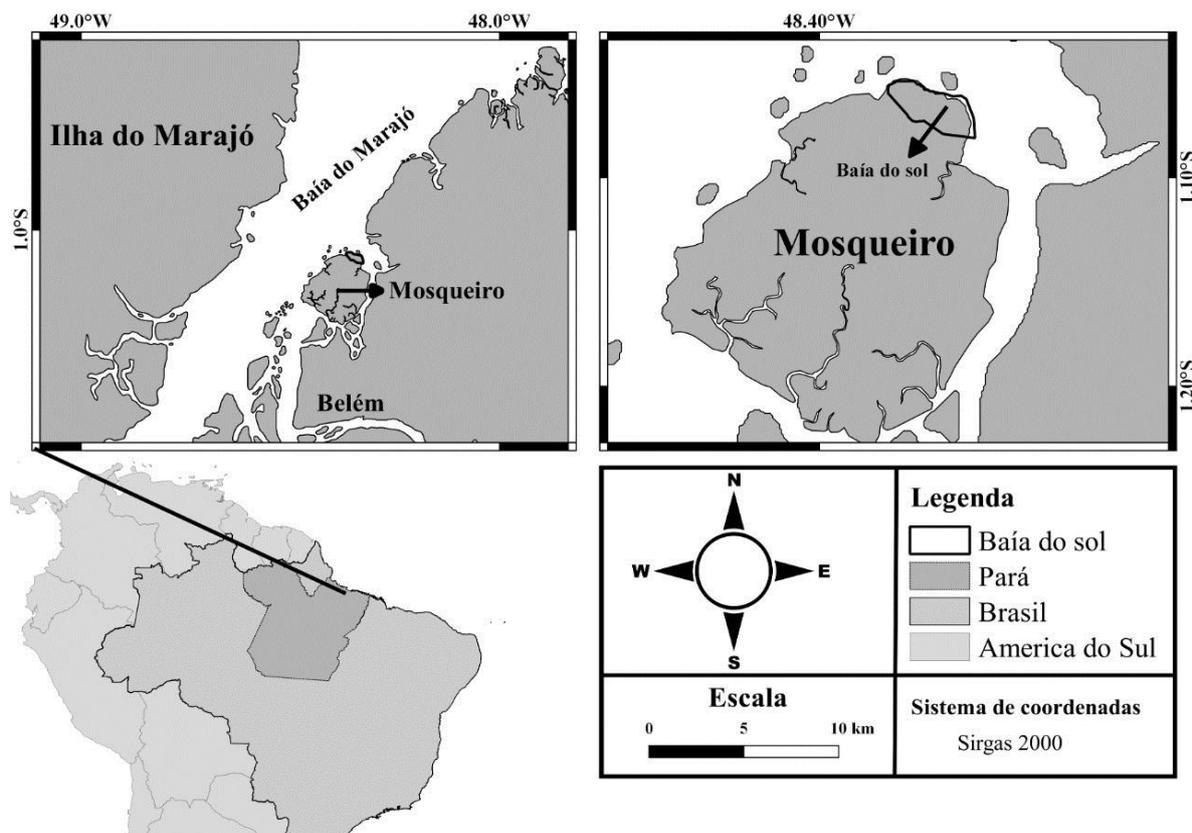


Figura 1. Mapa da ilha de Mosqueiro evidenciando a área de estudo, localidade da Baía do Sol. (Mapa por Elton Silva).

Metodologia

A coleta de dados para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada com trabalhadores que exercem atividades relacionadas à pesca na Ilha de Mosqueiro, entre setembro e novembro de 2017, com o apoio da Associação das Mulheres da Pesca da Baía do Sol. O perfil dos trabalhadores foi levantado por intermédio de um questionário aplicado em forma de entrevista, no próprio local de trabalho dos mesmos. Os principais dados levantados foram a satisfação no trabalho, atividades preferenciais, o tempo na função, a idade do primeiro trabalho, o estado civil, o número de filhos e de dependentes, a idade, a escolaridade, a origem, os vícios, a lateralidade, o salário e o registro em carteira. Também foram aplicadas questões sobre o conhecimento e uso de equipamentos de proteção individual (EPIs). Com o objetivo de evitar erros na interpretação das perguntas e deixar o entrevistado à vontade para respondê-las, o questionário foi aplicado individualmente por um entrevistador. A caracterização do ambiente de trabalho foi realizada por meio de observações e questionamentos no local. Os dados obtidos foram classificados e condensados, para serem apresentados por meio de tabelas e gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 74 pescadores por meio de conversas e aplicação de questionários. Por se tratar de uma profissão que exige um grande esforço físico para sua realização, os homens são predominantes na pesca, totalizando 45 pescadores, equivalente a 61% do total de entrevistados. No entanto, o número de mulheres atuantes na pesca foi considerado relativamente alto, com 29 mulheres, equivalente a 39% do total de entrevistados. Esta

proporção, no que tange à questão de gênero, está dentro do observado para o estado, onde, de acordo com Nogueira, Souza e Santa Brígida (3), o Pará apresenta o maior contingente de pescadoras do país. Apesar dos dados obtidos no presente levantamento e dos apresentados por Nogueira, Souza e Santa Brígida (3), grande parte da literatura sociológica e antropológica não relata um papel mais evidente e ativo por parte das mulheres nas atividades da pesca, onde a divisão de trabalho em função do gênero é tratada como bipolar e simplória, utilizando uma visão de mundo que opõe mar/terra, homem/mulher (11). Segundo o mesmo autor, essa visão ocorre para a não percepção das mulheres enquanto agentes produtoras na pesca e para o mito da invisibilidade feminina dentro do universo pesqueiro.

Por outro lado, quando as mulheres se relacionam diretamente com o meio aquático, fazem-no mais frequentemente nos limites do "mar raso", que compreende aquelas áreas próximas à terra, tais como rios, lagos, manguezais e praias, lançando mão de instrumentos não mecanizados, mas cujo uso não prescinde de um conjunto de conhecimentos acerca do meio ambiente, das espécies procuradas e das técnicas (12). Esta afirmação corrobora com o observado no presente estudo, onde as mulheres têm participação direta na extração de mariscos.

A pesquisa foi realizada no distrito de Mosqueiro, que é ligado administrativamente à capital paraense, o que deve ter contribuído para que grande parte dos entrevistados, 46 pessoas (62,16%), possuam origem urbana e apenas 28 pessoas (37,84%) apresentem origem rural. Em relação à lateralidade, houve uma maioria de pescadores destros (68; 91,90%), enquanto que os canhotos correspondem a somente seis (8,10%) dos entrevistados. O referido resultado acompanha o índice da população destra.

A escolaridade dos trabalhadores também é um fator muito importante para a pesquisa, dado que a maioria dos pescadores apresentam o segundo grau (ensino médio) completo (35 pessoas, correspondendo a 47,29%). Esse índice expressivo é resultado de certa busca dos pescadores por qualificação, que optam por permanecer estudando, apesar do seu envolvimento com a atividade pesqueira. Como a pesca na região é uma ocupação pouco rentável, muitos trabalhadores constatarem que a educação é uma oportunidade de mudança e acreditam que dessa forma possam melhorar sua condição financeira.

O nível de escolaridade observado no presente estudo é um dado incomum, haja vista que Chagas Silva (8), para estudo também realizado na ilha de Mosqueiro, porém em outra localidade (comunidade Cajueiro), constatou que 73% dos seus entrevistados apresentavam o ensino fundamental incompleto, com um índice de alfabetizados perfazendo apenas 2%. Segundo a autora, o baixo nível de escolaridade se dá por vários fatores, entre os quais destacam-se os obstáculos para o acesso à educação das gerações anteriores e a impossibilidade de conciliar com o tempo do trabalho, seja esse doméstico ou fora da casa. O mesmo foi observado por Nogueira, Souza e Santa Brígida (3), em levantamento válido para todo o estado do Pará, onde 81% dos pescadores apresentam apenas o ensino fundamental incompleto, com um índice de analfabetismo de 7%. Segundo esses autores, com a elevação da escolaridade, ampliam-se as possibilidades de inserção no mercado de trabalho para os filhos dos pescadores que não desejam para si a dura realidade vivenciada por seus pais, o que pode contribuir para a descontinuidade do saber da atividade de pesca passado de pai para filho. A Figura 2 compara os levantamentos sobre escolaridade dos pescadores para Ilha da Mosqueiro, Comunidade da Baía do Sol (presente estudo), para a Comunidade do Cajueiro (8) e para todo o estado do Pará (3).

Devido a pesca ser uma atividade que exige esforço físico, longos períodos no mar e uma rotina cansativa, parte considerável dos pescadores possuem alguns vícios: cerca de 30% dos entrevistados são consumidores de bebida alcoólica, 1% fumante, 18% consomem bebida alcoólica e fumam. Entretanto, 42% informaram que não apresentam nenhum desses vícios.

Segundo a pesquisa relacionada ao estado civil, observa-se que a maioria dos pescadores é solteira, atingindo 40,54% dos entrevistados. Já os casados, correspondem a 31,08%. Além disso, 21,63% são amigados, 4,05% viúvos e 2,70% divorciados. Do total de pescadores entrevistados, a maioria (59; 79,73%) possui casa própria. As 15 pessoas restantes (20,27%) não possuem residência própria e vivem com parentes ou em casas alugadas.



Figura 2. Comparação para os dados de escolaridade dos pescadores para a comunidade da Baía do Sol, comunidade do Cajueiro e para todo o estado do Pará.

Em relação à idade que iniciou na pesca, a maioria absoluta (56,76%), iniciou entre os 11 e 22 anos de idade, com 20,27% dos entrevistados iniciando entre os 5 e 10 anos. Sobre o tempo que atuam na pesca, a maior parte apresenta um tempo relativamente curto, atuando há menos de 10 anos na atividade (24,32%). Apenas sete pescadores, um percentual inferior a 10% (9,46%), relataram atuar na pesca há 50 anos ou mais. Ao analisarmos a idade que iniciou na pesca juntamente com o tempo que atuam na atividade, podemos observar que a grande maioria dos entrevistados se concentra na faixa etária abaixo dos 40 anos de idade. Estes resultados estão dentro do esperado para o território paraense, onde observa-se que predominam aqueles que estão na faixa etária entre 30-39 anos, correspondendo a 28,44% do total, seguidos dos pescadores entre 40-49 anos de idade com 25,84% da totalidade. Nesse contexto, o Pará se destaca por apresentar a maior população de pescadores com idade inferior a 40 anos (3). A Figura 3 demonstra os valores referentes a idade em que os entrevistados iniciaram na pesca e o tempo em que atuam na atividade, distribuídos em classes de tempo (anos) organizados em tabelas de frequência.

A Figura 4 divide estes dados em grupos estatisticamente diferentes com base na abrangência dos seus respectivos erros padrão. De acordo com os gráficos, identificam-se três grupos para a distribuição da idade com a qual os entrevistados iniciaram na atividade da pesca, onde um grupo é formado pelos intervalos de 11 a 16 anos e 17 a 22 anos, totalizando 56,76%; o segundo grupo está composto pelos intervalos de 5 a 10 anos e 23 a 28 anos, totalizando 33,78%; e o terceiro grupo compreendendo os intervalos de 29 a 34 anos e 35 a 40 anos, totalizando 9,46% do total de entrevistados.

Uma formação de grupos estatisticamente diferentes foi observada para os dados do tempo que atuam na pesca, porém, com uma divisão menos evidente, onde um grupo abrangeu todos os intervalos de distribuição de idades entre 1 e 50 anos, somando 90,54%; e o segundo grupo, formado pelos pescadores que atuam na pesca há 51 anos ou mais, somando 9,46% do total de entrevistados. A Figura 4 demonstra a formação dos grupos com base na abrangência dos erros padrão de cada categoria.

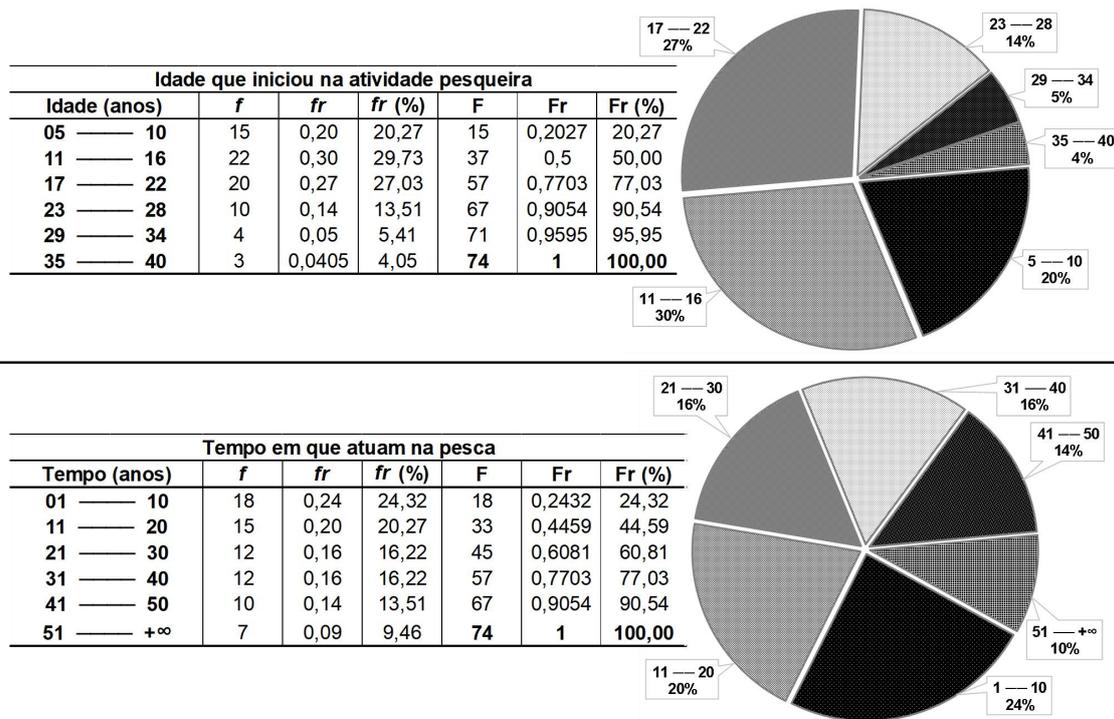


Figura 3. Tabelas de frequências com dados referentes a idade que iniciaram na atividade pesqueira e o tempo que atuam na pesca. Onde: *f* - Frequência Absoluta Simples; *fr* - Frequência Relativa Simples; *fr (%)* - Frequência Relativa em dados de porcentagem; *F* - Frequência Acumulada Absoluta; *Fr* - Frequência Acumulada Relativa; *Fr (%)* - Frequência Acumulada em dados de porcentagem.

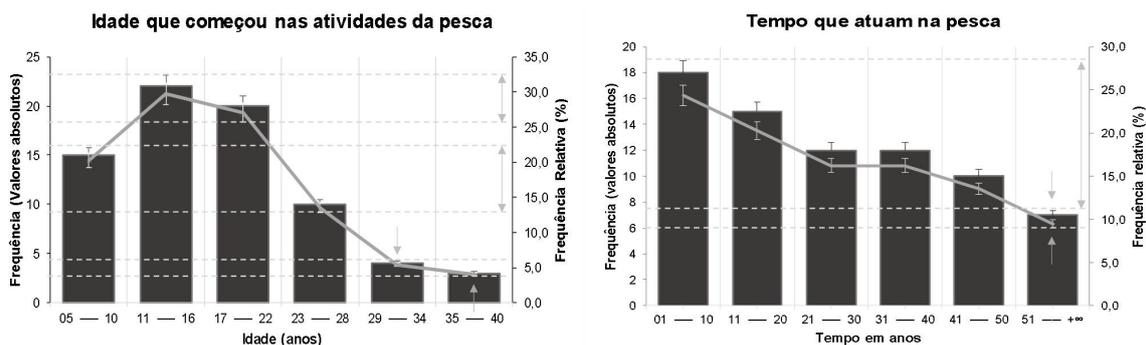


Figura 4. Histograma de Coluna Clusterizada evidenciando a formação de grupos estatisticamente diferentes com base na abrangência dos respectivos erros padrão da média para os dados referentes a idade que os entrevistados começaram na atividade da pesca e ao tempo que atuam na pesca.

Do total de entrevistados na Comunidade, a maior parte (54; 72,97%) afirma não ter realizado nenhum treinamento ou curso relacionado à profissão. O restante (20; 27,03%), realizou algum treinamento ou curso em determinado momento para trabalhar na área da pesca. Também foi observado o salário mensal dos trabalhadores: 45 pescadores (60,81%) recebem somente 1 salário mínimo; 15 dos entrevistados (cerca de 20,27%) possuem rendimentos entre 1 e 2 salários, enquanto outros seis (8,12%) recebem entre 2 e 3 salários por mês. Apenas um dos trabalhadores (1,35%) afirmou apresentar rendimentos mensais acima de

3 salários; sete dos entrevistados (9,45%) não souberam informar. Já quando foram perguntados sobre registro em carteira, a maioria dos pescadores (56,75%) informou não possuir registro, enquanto 43,25% possuem registro.

Em relação ao tempo que demora na atividade da pesca, observou-se que a maioria pesca entre tempos curtos de 15 minutos a 9 horas, perfazendo um total de 54 pescadores, equivalentes a 72,98% dos entrevistados. Apenas 11 pescadores (14,86%) relataram pescar em intervalos de tempo que variam entre 10 e 24 horas. Tempos mais extensos na pescaria como uma semana ou de semanas a um mês ou meses foram pouco observados na área de estudo, com apenas seis pescadores (8,1%). Existem também os pescadores que variam o tempo de pescaria, pescando, geralmente, em intervalos de 4 a 6 horas por dia, esses relatos foram narrados por três pescadores, perfazendo 4,05% do total dos entrevistados (Figura 5).

No que diz respeito ao período do dia em que realizam a atividade pesqueira, a maioria opta por pescar nos períodos da manhã (27 pescadores, 36,49%) e da noite (20 pescadores, 27,03%), com apenas quatro pescadores (5,4%) optando por pescar no período da tarde. Existem também as combinações de períodos do dia, onde cinco pescadores (6,76%) pescam nos períodos da manhã e da tarde; três pescadores (4,05%) pescam nos períodos da manhã e da noite, mesmo número dos pescadores que pescam nos períodos da tarde e da noite; e somente dois pescadores (2,70%) relataram pescar nos períodos da manhã, da tarde e da noite. Um total de quatro pescadores (5,4%) relatou pescar no período da madrugada e seis pescadores (8,11%) pescam de acordo com os horários da maré, independente do período do dia. A Figura 5 mostra a frequência das respostas acerca do tempo que demoram na atividade de pesca e do período do dia que preferem pescar.

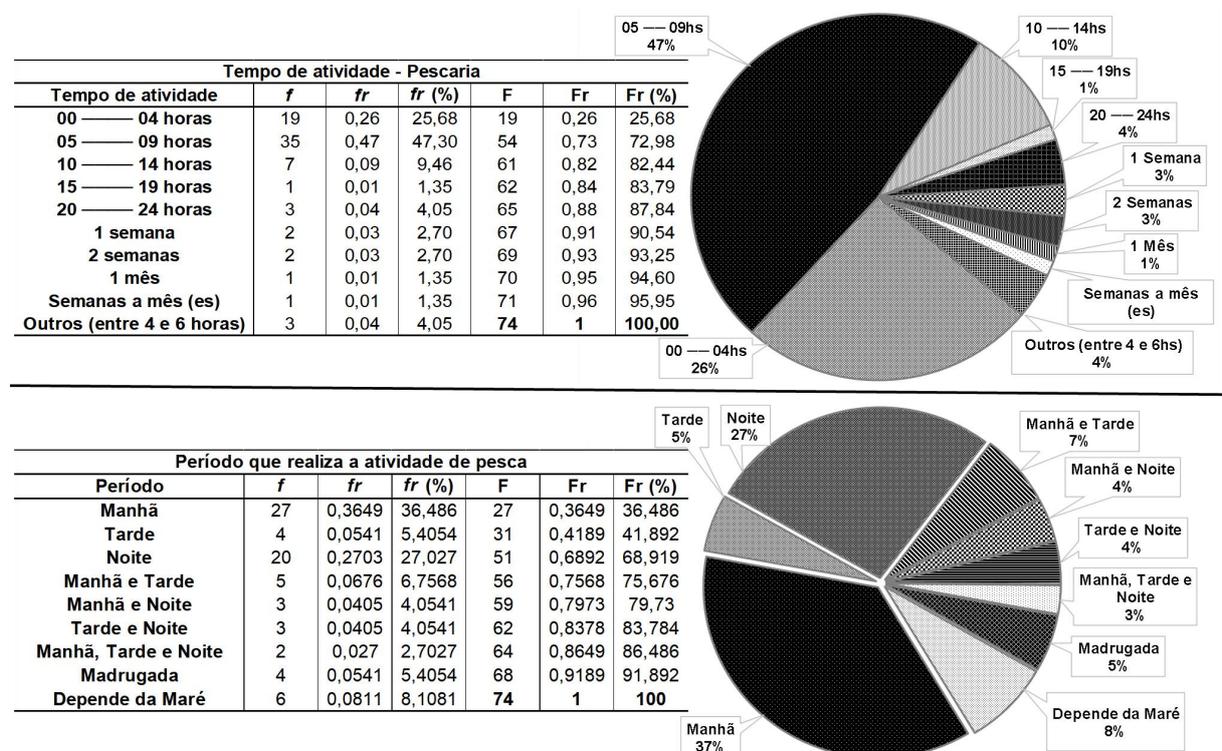


Figura 5. Tabelas de frequências com dados referentes ao tempo de atividade na pescaria e ao período no qual realizam a atividade da pesca. Onde: *f* - Frequência Absoluta Simples; *fr* - Frequência Relativa Simples; *fr (%)* - Frequência Relativa em dados de porcentagem; *F* - Frequência Acumulada Absoluta; *Fr* - Frequência Acumulada Relativa; *Fr (%)* - Frequência Acumulada em dados de porcentagem.

De acordo com a abrangência dos erros padrão para os dados referentes ao tempo de atividade na pescaria, podemos observar a formação de três grupos com base no número de respostas de cada intervalo de classe. O primeiro grupo é formado pelo maior número de respostas observadas, abrangendo os pescadores que permanecem na pescaria no intervalo entre 5 e 9 horas por dia; o segundo grupo é formado pelos pescadores que atuam o menor tempo nas águas, representando a classe de 0 a 4 horas; o terceiro e maior grupo é formado pelos pescadores que atuam de 10 horas a até meses pescando, inclusive aqueles que variaram em suas respostas. Em relação ao período do dia em que pescam, a abrangência dos erros padrão identificou apenas dois grupos. O primeiro grupo foi formado pelos pescadores que optam por pescar apenas nos períodos da manhã e da noite, e o segundo grupo abrangeu todos os demais horários expostos na Figura 5. A Figura 6 mostra a formação dos grupos detectados para os dados de tempo da atividade na pescaria e o período do dia em que realiza a atividade da pesca a partir dos seus respectivos valores dos erros padrão.

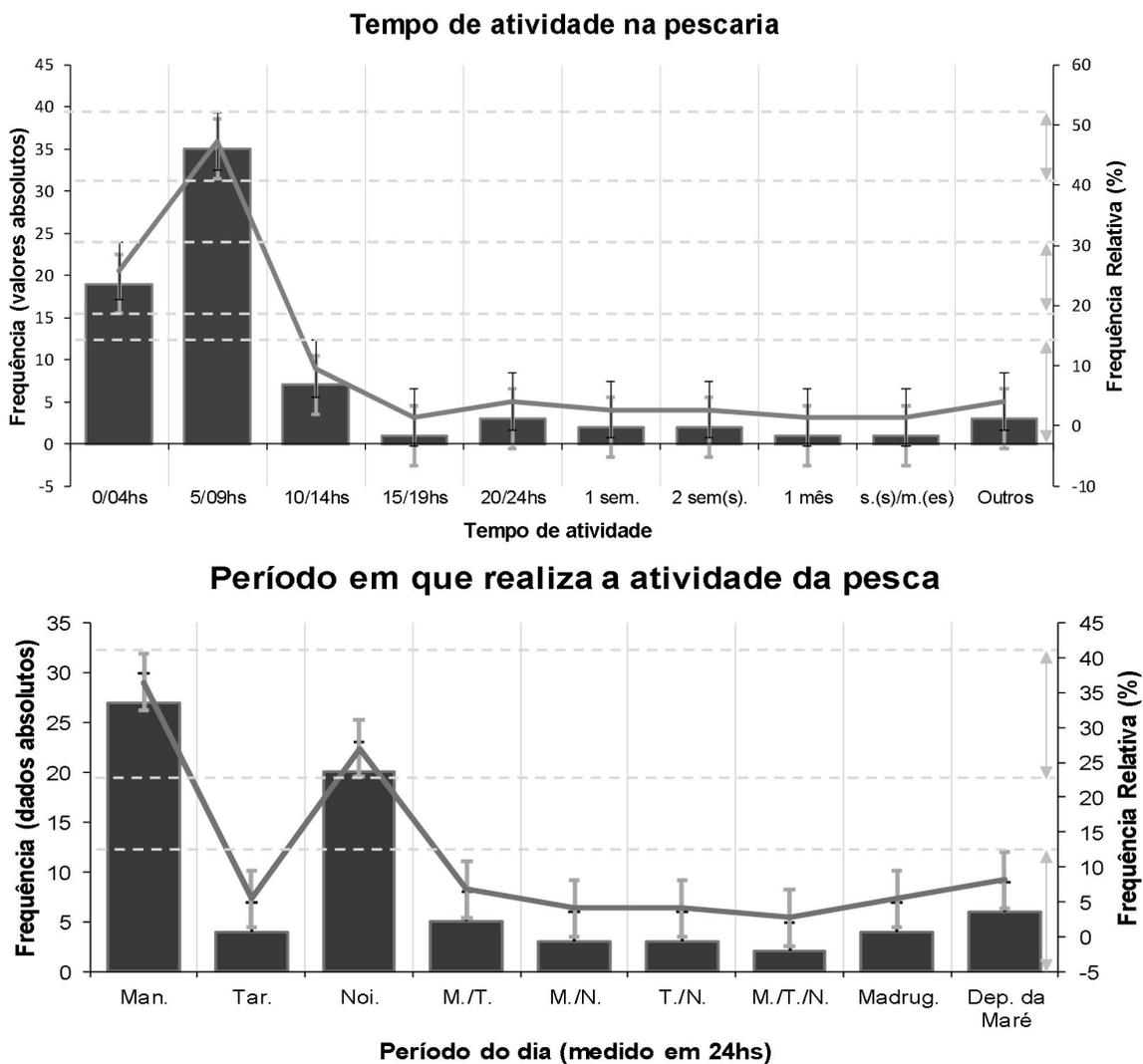


Figura 6. Histograma de Coluna Clusterizada evidenciando a formação de grupos estatisticamente diferentes com base na abrangência dos respectivos erros padrão da média para os dados referentes ao tempo de atividade na pescaria e o período do dia em que realiza a atividade da pesca.

A maioria os pescadores (67; 90,55%) demonstrou nunca ter realizado treinamento ou curso de segurança do trabalho, enquanto apenas sete (9,45%) realizaram, em certo momento, algum curso ou treinamento nesse sentido. Além disso, grande parte dos trabalhadores (64,86%) não utiliza EPI's (Equipamentos de Proteção Individual) e afirma a falta de recursos financeiros para a compra desses materiais. Pena, Martins e Rego (5) alertam para a necessidade do SUS aplicar na área da saúde do trabalhador, especialmente para categorias negligenciadas pela atenção, políticas de proteção com o fornecimento de medidas de prevenção individual e coletiva. Os 35,14% que já utilizam EPI's compreendem a importância dos mesmos em sua rotina de trabalho. Apesar disso, nota-se que a maioria (42; 56,75%) não sofreu acidentes na atividade pesqueira e os que sofreram (32; 43,25%) relatam que foi devido à falta de EPI's ou descuido na hora do trabalho.

Estudos acerca de EPI's permitem a mobilização de saberes tradicionais e podem contribuir para a eliminação ou redução de riscos para a saúde, além de indicar caminhos para mudanças nos processos de trabalho sem romper com as características fundamentais que têm garantido a sobrevivência dessas categorias (capacidade de autoemprego, autonomia e viabilidade econômica centrada na produção familiar ou de grupos cooperativados) (5).

Os EPI's citados pelos pescadores da Baía do Sol que os utilizam são: botas; luvas e coletes. Dos que utilizam, 24 (92,30%) afirmaram que compram seu próprio material de segurança, duas pessoas (7,69%) dependem da associação e desse total nenhuma depende de recursos da prefeitura. Com relação aos dados obtidos por Freitas e Rodrigues (13), relativos à saúde e segurança do trabalho na pesca artesanal na Baía de Sepetiba (RJ), verificou-se que 71% dos pescadores utilizam algum tipo de EPI, os mais citados pelos entrevistados foram luvas (31%), capas (31%) e coletes (17%); os menos referidos foram as botas (9%), além de chapéu, touca ou boné (7%).

Mesmo não tendo uma correlação direta entre os acidentes e o uso ou não dos EPI's, os acidentes mais comuns relatados pela amostra da comunidade de pescadores foram: ferrada de peixe (58,23%), incidentes com anzol (12,66%) e naufrágio (11,39%). Os demais acidentes relatados tiveram uma percentagem individual inferior a 10%, são eles: queda (7,59%), cortes nos dedos e problemas com o motor (ambos com 3,8% de frequência cada), pirataria e fraturas (ambos com 0,013% de frequência cada). A maior parte dos entrevistados no presente estudo (95,94%) diz ter interesse em fazer um curso de segurança do trabalho, pois acredita que o curso facilitaria como lidar em relação aos seus cuidados antes de ir ao mar. Apenas 4,06% dos pescadores não têm nenhum interesse no curso. A Figura 7 traz uma tabela de frequência com um total de relatos superior a 74, que é o número total de entrevistados. Isto aconteceu porque um entrevistado alegou ter sofrido mais de um acidente, totalizando 74 relatos, porém, 79 acidentes.

Embora seja um trabalho vulnerável a doenças, o resultado da amostra foi diferente do esperado, pois a maioria dos pescadores (63,51%) diz que não adquiriu doenças decorrentes da prática pesqueira. Apenas 36,49% afirmam ter adquirido doenças, sendo mais frequentes: problemas de coluna (28,92%), reumatismo (20,48%), virose (12,05%) e dores no corpo (10,84%). Com percentual mais baixo: febre (9,64%), resfriado (6,02%), problemas de visão (4,82%), frieiras e queimaduras (cada uma com 3,61%). Vale ressaltar que algumas doenças citadas têm sintomas semelhantes ou associados e podem ter sido confundidas, como virose, febre, resfriado e dores no corpo. Mas cada doença foi contada obedecendo às respostas dos entrevistados. A Figura 7 traz os dados referentes às doenças mais citadas pelos pescadores expostos em uma tabela de frequência com um total de relatos maior que 74. Isto aconteceu porque alguns entrevistados foram acometidos por mais de uma doença, totalizando 74 relatos, porém 83 registros de doenças.

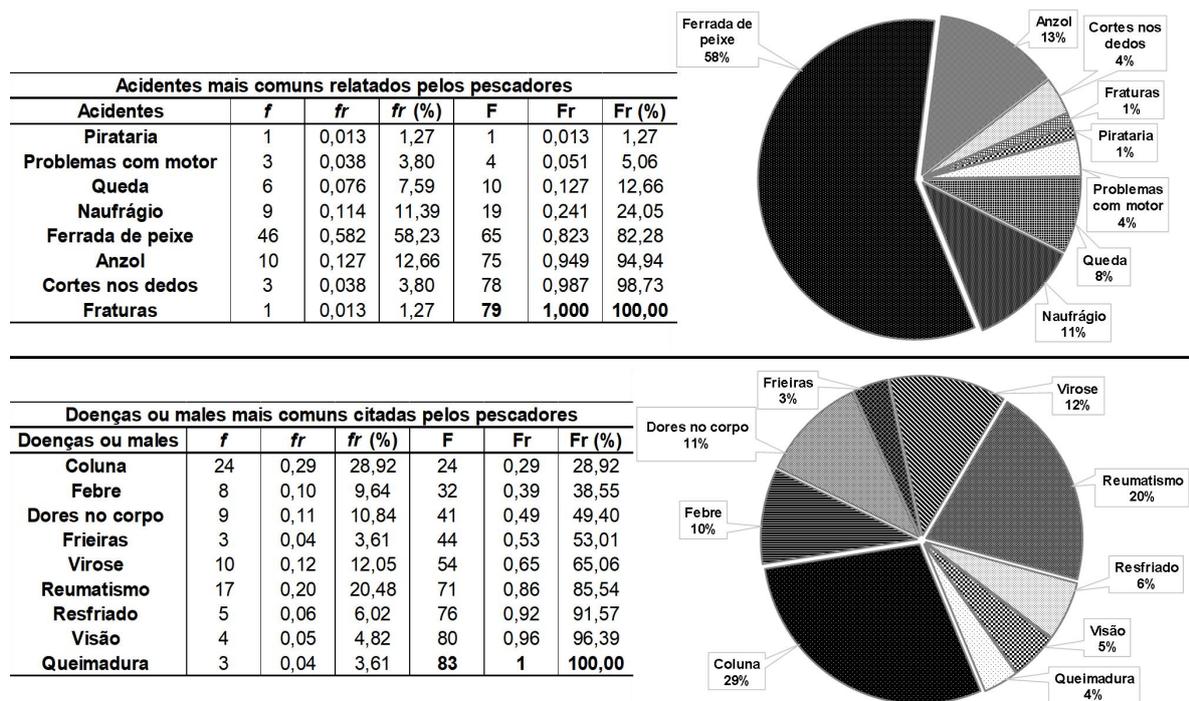


Figura 7. Tabelas de frequências com dados referentes aos acidentes mais comuns relatados pelos pescadores e as doenças ou males mais comuns citados pelos pescadores. Onde: *f* - Frequência Absoluta Simples; *fr* - Frequência Relativa Simples; *fr (%)* - Frequência Relativa em dados de porcentagem; **F** - Frequência Acumulada Absoluta; **Fr** - Frequência Acumulada Relativa; **Fr (%)** - Frequência Acumulada em dados de porcentagem.

Para os acidentes relatados, a abrangência dos seus respectivos erros padrão detectou a formação de dois grupos. O primeiro, formado em função do grande número de relatos, trata-se da ferrada de peixe, incidente mais frequente de todos. O segundo grupo foi formado pelos demais incidentes levantados. Entre as doenças ou males mais comuns houve a formação de três grupos com base na abrangência de seus respectivos erros padrão. O primeiro, formado apenas pelos males relacionados à coluna; o segundo foi formado pelo reumatismo; e o terceiro grupo foi formado pelas demais doenças ou males relatados pelos pescadores. A Figura 8 mostra a formação dos grupos detectados para os dados de acidentes mais comuns relatados pelos pescadores e as doenças mais comuns citadas pelos pescadores a partir dos seus respectivos valores dos erros padrão.

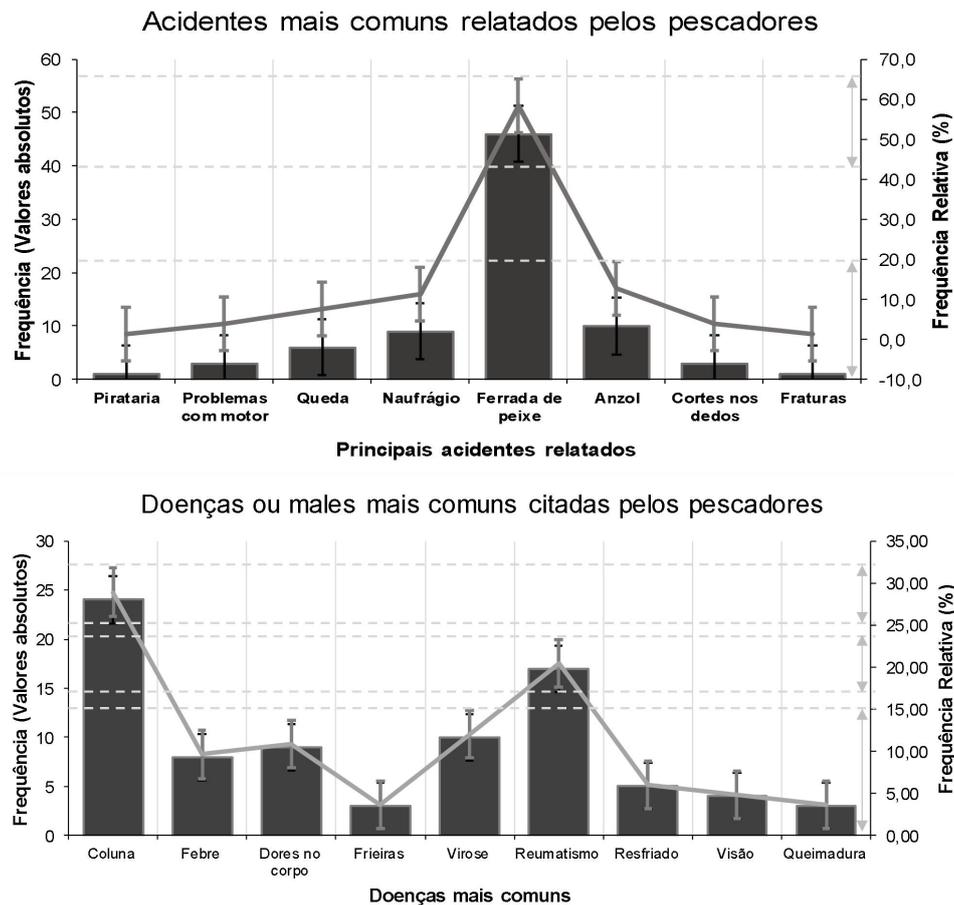


Figura 8. Histograma de Coluna Clusterizada evidenciando a formação de grupos estatisticamente diferentes com base na abrangência dos respectivos erros padrão da média para os dados referentes aos relatos dos pescadores sobre os acidentes e as doenças ou males mais comuns.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a comunidade de pescadores da Baía do Sol não difere significativamente de outras comunidades pesqueiras já estudadas, embora duas características tenham se destacado no seu perfil. A principal delas foi o nível de escolaridade, bem acima da média do estado do Pará. Na segunda, nossa amostra acompanhou os dados de todo o estado do Pará, que se destaca no País por apresentar a maior proporção de pescadores com idade inferior a 40 anos. Finalmente, por conta das precárias condições socioeconômicas, essa comunidade pesqueira e talvez toda a categoria precisa de atenção por parte dos órgãos governamentais, no sentido do desenvolvimento de tecnologias adequadas para EPI's, com distribuição gratuita.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem toda a colaboração da Associação das Mulheres da Pesca da Baía do Sol (AMPBS) e, em particular, ao Engenheiro de Pesca Elton Silva pela elaboração do mapa utilizado neste artigo.

REFERÊNCIAS

1. Organização Internacional do Trabalho - OIT. As boas práticas da inspeção do trabalho no Brasil: o setor marítimo [Internet]. Brasília: OIT; 2010 [citado 25 Mar 2018]. v. 1. ISBN: 978-922-8244-21-2; 978-922-8244-22-9. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7965250-O-setor-maritimo-as-boas-praticas-da-inspecao-do-trabalho-no-brasil-escritorio-da-oit-no-brasil-programa-de-administracao-e-inspecao-do-trabalho.html>
2. Autoridade para as Condições do Trabalho - ACT. Segurança e saúde no trabalho no setor da pesca: riscos profissionais e medidas preventivas nas diferentes artes de pesca [Internet]. Lisboa: ACT; 2015 [citado 25 Mar 2018]. 37p. ISBN: 978-989-8076-91-5. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5108449-Seguranca-e-saude-no-trabalho-no-setor-da-pesca.html>
3. Nogueira LSM, Souza DM, Santa Brígida AMB. Segurança e saúde dos pescadores artesanais no estado do Pará [Internet]. São Paulo: Fundacentro; 2017 [citado 20 Fev 2020]. Disponível em: http://arquivosbiblioteca.fundacentro.gov.br/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/GCSR48HIS64491JG5YITRXF6M8XY3U.pdf
4. Oliveira DM. A pesca artesanal da frota de Mosqueiro (Belém – Pará) e o uso do ambiente pela dourada (*Brachyplatystoma rousseauxii* – Castelnau, 1855) [dissertação]. Belém: UFPA/UFRA/EMBRAPA; 2007.
5. Pena PGL, Martins V, Rego RF. Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras. Rev Bras Saude Ocup. 2013;38:(127):57-68. doi: <https://doi.org/10.1590/S0303-76572013000100009>.
6. Lebre EAT, Schmitz Junior MJ, Carvalho RM. Um projeto de extensão sobre a segurança da navegação e a prevenção de acidentes na pesca artesanal. In: 30o Seminário de Extensão Universitária da Região Sul; 2012; Rio Grande, RS. Rio Grande: UFSC; 2012.
7. Costa MAF. Rede turística e organização espacial: uma análise da ilha de Mosqueiro [dissertação] [Internet]. Belém: UFPA; 2007 [citado 25 Fev 2020]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6741944-Rede-turistica-e-organizacao-espacial-uma-analise-da-ilha-de-mosqueiro-belem-pa.html>
8. Chagas Silva IM. A rede que pesca gente: o caso da comunidade Cajueiro na ilha de Mosqueiro/Pa [dissertação]. Belém: UFPA/PPGEAP; 2015.
9. Silva SB. Belém e o ambiente insular. Belém: UFPA; 2010. ISBN: 978-85-7295-059.
10. Abe MN. Mártires de Abril: o MST semeando a utopia camponesa [dissertação]. Belém: UFPA/EMBRAPA - Amazônia Oriental; 2004.
11. Machado MF. Entre a terra e o mar: o trabalho das mulheres nas comunidades pesqueiras no Brasil. Psicologia.pt [Internet]. 2010 [citado 27 Fev 2020]. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0530.pdf>
12. Maneschy MC. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. Bol Mus Para Emilio Goeldi Antropol [Internet]. 1995 [citado Fev 2020];11(2):145-66. Disponível em: <https://repositorio.museu->

goeldi.br/bitstream/mgoeldi/821/1/B%20MPEG%20Ant%2011%282%29%201995%20MANESCHY.pdf

13. Freitas MB, Rodrigues SCA. Determinantes sociais da saúde no processo de trabalho da pesca artesanal na Baía de Sepetiba, estado do Rio de Janeiro. Saude Soc. 2015;24(3):753-64. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015126063>.

Recebido em: 04/01/2022

Aceito em: 28/04/2022